

## Aprendizagem através do acompanhamento produtivo e gerencial de uma cooperativa de produtores de pequenos animais domésticos.

LEARNING THROUGH PRODUCTIVE AND MANAGEMENT ACCOMPANYING OF A SMALL PETS PRODUCTION COOPERATIVE

De Sales Silva; José Crisólogo Universidade Estadual de Alagoas Uneal, Alagoas, Brasil E-mail: josecrigot@hotmail.com

Nunes, Alex Romualdo Universidade Estadual de Alagoas Uneal, Alagoas, Brasil E-mail: alex-romualdo@hotmail.com

De Sales Silva, Maria Mácrima Secretaria Municipal de Educação de Maceió SEMED, Alagoas, Brasil E-mail: smacrima@hotmail.com

### INFORMACIÓN

Recepción:

Aceptado:

Publicación:

### RESUMO

O trabalho produtivo originado na gestão da cooperativa de pequenos produtores de animais originou uma possibilidade de aprendizagem científica para estudantes do curso de zootecnia da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL. A forma de gerir a cooperativa envolvendo a cultura produtiva de cada unidade empresarial proporciona especificidades econômicas e administrativas que resultam no desenvolvimento da formação individual dos estudantes universitários envolvidos. A partir da realização de diagnósticos com os associados, chegou-se ao conhecimento das reais necessidades de informações tecnológicas pelos produtores ligados a Cooperativa, buscando-se a partir do conhecimento real das dificuldades em gerir, planejar a extensão universitária, diante da necessidade de dar respostas concretas às carências da comunidade em suas gestões individuais e coletivas, na cooperação da sociedade de produtores de pequenos animais. Conclui-se que a universidade e a sociedade cooperativa podem construir juntas experiências de gestão e planejamento que resultam no desenvolvimento regional.

PALAVRAS CHAVE: Diagnóstico produtivo, Gestão, Cooperação, Educação

### ABSTRACT

The productive working originated in the management of the small producers cooperative, originated in turn, a possibility of scientific learning to students of a zoo-tech from State University of Alagoas-UNEAL. The way to manage the cooperative involving the productive culture of each business unit provides administrative and economic specificities that result in the development of individual training of university students involved. From performing diagnostics with associates, came to the knowledge of the real needs of information technology by producers connected with the Cooperative, seeking from the actual knowledge of the difficulties in managing, planning the university extension, the need to give concrete answers to the needs of the community in their individual and collective efforts in cooperative society of small pets producers. It is concluded that the university and the cooperative society can build together planning and management experiences that result in regional development.

KEYWORDS: Production assessment, Management, Cooperation, Education

De Sales Silva; José Crisólogo ; Nunes, Alex Romualdo; De Sales Silva, Maria Mácrima

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de estudo em uma Cooperativa de Pequenos Criadores de Pequenos Animais Domésticos, na cidade de Santana do Ipanema, em Alagoas, nordeste do Brasil. A principal produção dos associados da cooperativa é formada por caprinos e ovinos, mas também se encontram produtores de diversos animais como aves, bovinos, e alguns apicultores e em sua maioria produção agroecológica.

A cooperativa estudada possui 64 sócios, todos

pequenos agricultores familiares, englobando os municípios de Maravilha, Agua Branca e Santana Santana do Ipanema, sendo sua sede no município de Santana do Ipanema, cada propriedade rural é uma unidade produtiva, elo da sociedade cooperativa.

Santana do Ipanema, local de estudo, está situada no semiárido do nordeste do Brasil, região que congrega nove estados diferentes, com culturas diversificadas, expressões e aprendizagens locais marcantes, refletindo-

se, entretanto, numa tradição mais individual de gestão das propriedades rurais. Poucas cooperativas foram exitosas no estado de Alagoas, e entre as que são apontadas como tal, sempre tem uma gestão mais ligada a gerentes sócios que conduzem uma gestão não democrática, mais autoritária e com características de empresas privadas, a cooperativa tem as feições de uma empresa privada, estabelecida principalmente por seu presidente.

A cooperativa teve como principal projeto de desenvolvimento, a construção de um laticínio, buscando envasar o leite de cabras para venda direta, utilizando-se de programas de distribuição de alimentos do Governo Federal do Brasil, sendo este projeto ainda uma das causas de maior descontentamento dos sócios, pois a construção do prédio foi concretizada, mas as atividades de envase e comercialização não existiram ainda, pois os órgãos de fiscalização do estado de Alagoas não autorizaram o funcionamento por erros de logística do prédio.

Wilkinson (1999), afirma que precisamos refletir também sobre as implicações da elaboração de estratégias autônomas por parte dos produtores familiares. Está em jogo aqui um complexo processo de aprendizagem de todo um conjunto de atividades que não são tradicionais da produção familiar. Além da exploração de novas tecnologias e novas formas de organização coletiva, trata-se da gestão de empreendimentos, de conhecimentos e capacidade de lidar com o mercado, de identificar e negociar com organismos financiadores, de lidar com organismos intermediários como ONGs, etc. Tudo isso implica em novos padrões de aprendizagem e temos que analisar e desenhar formas institucionais de equacionar isso. Há toda uma série de iniciativas surgindo pelo país que têm que ser sintetizadas e analisadas para avançar.

Nas entrevistas as reclamações trazidas sobre o Cooperativismo, refletem o descontentamento apresentado pelos sócios com o fator econômico primeiramente, confundido as vezes com os princípios do cooperativismo de forma distorcida.

Deficiências da cooperativa, causadas pela exacerbação de burocracias punitivas pelos órgãos estaduais, buscando controlar a liberação do funcionamento da indústria dentro de padrões estabelecidos pelo órgão de controle de sanidade animal, cerceando-se a possibilidade de apoio e desenvolvimento da mesma, beneficiando diversos produtores da região.

Este trabalho objetiva trazer a discussão sobre a aprendizagem a partir da prática de estudos participantes, onde a intervenção do docente e discente pode ser importante na transformação de realidades sociais e gerar conhecimentos coletivos, deixando como legado principal experiência acumulada para o estudante, em sua prática, que empiricamente leva a reflexão de sua prática pessoal como profissional após academia. O conhecimento da conjuntura dentro da sociedade cooperativa fragilizada e a possibilidade de participar de forma capacitadora e simultaneamente aprendiz, trás sem dúvida novos conhecimentos de gestão e superação das dificuldades

cotidianas, gerando conhecimentos científicos.

## MARCO TEÓRICO

Neste trabalho apresentamos uma reflexão acerca da prática como meio de promover o conhecimento e a educação. A prática como instrumento transformador do conhecimento. No exemplo utilizado, a cooperativa de pequenos produtores de animais e a possibilidade da aprendizagem utilizando-se a cooperação, a gestão entre produtores, seus conflitos e crescimentos coletivos e suas contribuições para a educação.

### A Educação como Processo Socializador na Mediação da Aprendizagem

#### Definindo Educação

No que se refere ao conceito educação, esta é aqui entendida como um fenômeno próprio dos seres humanos e, assim sendo, “a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana” (SAVIANI, 1991). Assim, pode-se dizer que a transformação do ser humano biológico em ser social e histórico é tarefa do trabalho educativo

Cunha (2008) ressalta que educação não é só transmitir conhecimento, mas da oportunidade do aluno aprender e buscar suas próprias verdades, para isso devemos usar vários meios como o afeto, para que o aluno tenha prazer de estudar. Ainda de acordo com o mesmo autor, o desenvolver do afeto será algo determinante na vida do aluno, pois o mesmo, sendo amado, sentirá desejo de aprender, conseqüentemente, elevará sua autoestima e o tornará feliz.

O tema da educação como afirmação da liberdade tem antigas ressonâncias, anteriores mesmo ao pensamento liberal. Persiste desde os gregos como uma das ideias mais caras ao humanismo com prática do ocidental e encontra-se amplamente incorporado a pedagogia moderna. Freire (1997) afirmou com clareza, educação como prática da liberdade.

Brandão, (1981) define a educação, como uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, às regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e geração, a necessidade da existência e sua ordem. Desde onde ajuda a, explicar -às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração.

Continuando ainda Brandão (1981) toma como exemplo: meninas aprendem com as companheiras de idade, com

as mães, as avós, as irmãs mais velhas, as velhas sábias da tribo, com esta ou aquela especialista em algum tipo de magia ou artesanato. Os meninos aprendem entre os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos-da-mãe, os avós, os guerreiros, com algum xamã (mago, feiticeiro), com os velhos em volta das fogueiras. Todos os agentes desta educação de aldeia criam de parte a parte as situações que, direta ou indiretamente, forçam iniciativas de aprendizagem e treinamento. Elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor. Quase sempre não são impostas e não é raro que sejam os aprendizes os que tomam a seu cargo procurar pessoas e situações de troca que lhes possam trazer algum aprendizado.

Assim, entre os Wogeo, da Nova Guiné, de acordo com o depoimento de um antropólogo:

“Onde é necessário aprender habilidades especiais as crianças estão em regra geral, ansiosas por saber o que os seus pais conhecem. O orgulho do trabalhador e o prestígio do bom artesão dominam sua vida e elas necessitam de muito pouco estímulo para procurá-los por si mesmas” (BRANDÃO, 1981)

Freire (1997) alega que educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo distante), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que

não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire. “educandos.” de um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende.

A palavra educação tem sido muitas vezes empregada em sentido demasiadamente amplo, para designar o conjunto de influências que, sobre nossa inteligência ou sobre a nossa vontade, exercem os outros homens, ou, em seu conjunto, realiza a natureza. A educação é uma ação, ou seja, um processo de integração mais intensa dos indivíduos em sociedade. Existem dois tipos de seres em cada homem e esses seres distintos vão integrar e formar o indivíduo para a sociedade. Essa construção se dará através do conhecimento de si próprio e através do conhecimento inculcado pela sociedade em que estiver inserido (SAVIANI, 2007)

Não podemos, nem devemos nos dedicar, todos, ao mesmo gênero de vida; temos segundo nossas aptidões, diferentes funções a preencher, e será preciso que nos coloquemos em harmonia com o trabalho que nos incumbe. Nem todos somos feitos para refletir e será preciso que haja sempre homens de sensibilidade homens de ação. Inversamente, há necessidade de homens que tenham, como ideal de vida, o exercício e a cultura do pensamento (SAVIANI, 2007).

Também a educação compreende os efeitos indiretos, produzidos sobre o caráter e sobre as faculdades do homem, por coisas e instituições cujo fim próprio é inteiramente

outro: pelas leis, formas de governo, pelas artes industriais, ou ainda, por fatos físicos que independem da vontade do homem. Tais como o clima, o solo; a posição geográfica (HANZE, 1991).

O pensamento não pode ser desenvolvido senão isolado do movimento, senão quando o indivíduo se curve sobre si mesmo, desviando-se da ação exterior. Ela compreende tudo aquilo que fazemos por nós mesmos, e tudo aquilo que os outros tentam fazer como fim de aproximar-nos da perfeição de nossa natureza (JOHN STUART MILL 1859, 2001), citado por (DURKHEIM, 1955; PEREIRA; FORACCHI, 1976).

Nos animais, pode-se apressar o desenvolvimento de certos instintos adormecidos, mas nunca iniciá-los numa vida inteiramente nova. O treinamento pode facilitar o trabalho de funções naturais, mas não cria nada de novo. Instruído por sua mãe, talvez o passarinho possa voar mais cedo, ou fazer seu ninho, mas pouco aprende além do que poderia descobrir por si mesmo. É que os animais, ou vivem fora de qualquer estado social, ou formam estados muito rudimentares, que funcionam graças a mecanismos instintivos, perfeitamente instituídos desde o nascimento de cada animal (DURKHEIM, 1955).

#### Caráter social da educação

De acordo com Durkheim (1955), antes de tudo, se há hoje verdade histórica estabelecida é a de que a moral se acha estritamente relacionada com a natureza das sociedades, pois que, como ela muda quando as sociedades mudam. É que ela resulta da vida em comum. A educação não poderá, nesse caso, ajuntar nada de essencial à natureza, porquanto esta parece bastar à vida.

A sociedade, em seu conjunto, e cada meio social em particular, é que determinam este ideal a ser realizada, a mesma não poderia existir sem que houvesse em seus membros certa homogeneidade: a educação perpetua e reforça essa homogeneidade fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva. Por outro lado, sem uma tal ou qual diversificação, toda cooperação seria impossível: a educação assegura a persistência desta diversidade necessária, diversificando-se ela mesma e permitindo as especializações (LUCENA, 2010).

Ainda segundo o mesmo autor, se a sociedade tiver chegado a um grau de desenvolvimento em que as antigas divisões, em castas e em classes, não possam mais manter-se, ela prescreverá uma educação mais igualitária, como básica. Se, ao mesmo tempo, o trabalho se especializar, ela provocará nas crianças, sobre um primeiro fundo de ideias e de sentimentos comuns, mais rica diversidade de aptidões profissionais.

A educação satisfaz, antes de tudo, as necessidades sociais, é que existem sociedades em que esses predicados não são cultivados; e mais, que eles têm sido muito diversamente compreendidos, segundo cada grupo social considerado (DURKHEIM, 1955).

O processo de socialização nunca é completo e perfeito. Se assim o fosse seríamos robôs, verdadeiros autômatos. E ninguém é capaz de ser socializado em todos os aspectos de sua sociedade. Imaginem em nossa sociedade complexa para a socialização ser completa teríamos que aprender tudo, vivenciar tudo, participar de tudo. Impossível. Ao mesmo tempo a socialização nunca termina. Estamos sempre sendo socializados. A cada vez que ingressamos em um novo grupo social, nesse momento se inicia um novo processo de socialização onde aprendemos os códigos para bem atuarmos nesse grupo social (LUCENA, 2010).

Weber (1968) afirmou que a sociedade é a consequência do comportamento humano propositado e consciente. Sendo também uma divisão de trabalho e combinação de esforços.

A ação social determinada por algum costume ou hábito é considerada a Ação social Tradicional, aquela determinada pela emoção é a Ação social Afetiva, a ação social determinada por uma crença é considerada a Ação social Racional com valores, e aquela ação que se destina a razão usando os métodos eficazes, podemos dizer que é a Ação social Racional com fins. Cada ação conceituada por Weber depende dos indivíduos e principalmente da sociedade em que vive. Os agentes sociais contribuem bastante para a formação da ação social, pois os indivíduos possuem um fator essencial e primordial nas sociedades.

Do ponto de vista intelectual, não devemos menos à sociedade. É a ciência que elabora as noções cardeais, que dominam o pensamento: a noção de causa, de lei, de espaço, de número; noções de corpo, de vida, de consciência, de sociedade, etc. É que elas são o resumo, a resultante de todo trabalho científico, justamente ao contrário de serem o seu ponto de partida como acreditava (PESTALOZZI, 1821).

Então, a cultura científica tornou-se indispensável e é essa a razão pela qual a sociedade a reclama de seus membros e a impõe a todos, como um dever.

Originariamente, porém, enquanto a organização social era muito simples, muito pouco variada, sempre igual a si mesma, a tradição cega bastava, como basta o instinto para o animal. Nesse estado, o pensamento e o “livre exame” eram inúteis, se não prejudiciais, porque ameaçavam a tradição

Aprendendo uma língua, aprendemos todo um sistema de idéias organizadas, classificadas, e, com isso, nos tornamos herdeiros de todo o trabalho de longos séculos, necessário a essa, organização. Há mais, no entanto. Sem a linguagem, não teríamos idéias gerais, porquanto é a palavra que as fixa, que dá aos conceitos suficiente consistência, permitindo ao espírito a sua aplicação. Foi a linguagem que nos permitiu ascender acima da sensação; e não será necessário demonstrar que, de todos os aspectos da vida social, a linguagem é um dos mais preeminentes (DURKHEIM, 1955).

Em cada um de nós, já o vimos, pode-se dizer que existem dois seres. Um, constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal; é o que

se poderia chamar ser individual. O outro é um sistema de idéias, sentimentos e hábitos, que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda a espécie

Seu conjunto forma o ser social. Constituir esse ser social em cada um de nós tal é o fim da educação (LUCENA, 2010). Conclui-se que a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações. Então, faz-se necessário um trabalho sistemático de socialização que garanta de uma geração a outra. Portanto, esta perspectiva atribui um papel de destaque na dimensão educativa ou socializadora. O autor traz um caráter social na sucessão das gerações.

Base teórico – metodológica em experiências de aprendizagem

Segundo Fonseca (1998), toda a obra Feuerstein está no seguinte postulado básico: todo ser humano é modificável. Segundo este postulado, todos os indivíduos que se queiram envolver num processo de transmissão cultural (pais, educadores, professores, formadores ou mediadores) deverão submeter-se a esta crença, sem a qual não se está preparado para assumir essa função.

Piaget (2003), superou a teoria do Estímulo – Resposta ao introduzir o “Organismo” entre o estímulo e a resposta, mostrando um novo ponto de vista:

o interacionismo. Mas, ao mesmo tempo, defendeu a ideia de que o organismo é definido por suas etapas de desenvolvimento, por processos de maturação e por mudanças que nele ocorrem ao interagir com o estímulo.

Feuerstein e Bolívar (1983) denominam esse tipo de experiência de aprendizagem direta, uma vez que o organismo está diretamente exposto aos estímulos. Para estes pesquisadores, nem sempre os sujeitos conseguem beneficiar-se da interação estabelecida diretamente com os estímulos. É a mediação através de um ser humano, que poderá proporcionar esse benefício em diferentes situações.

Também para Vygotsky (1998) o cérebro é o órgão civilizacional que possibilita um processo de mudança estrutural (bioquímico e neurofuncional) provocado pela mediação cultural onde se opera um fenômeno transgeracional que participam dois sujeitos interatuam: o mediador e o mediado.

Em seus pressupostos Feuerstein (2003) salienta que é necessário que se verifique a presença de um mediador efetivo, dirigente, conhecedor e competente para mediar esta interação.

A experiência de aprendizagem Mediada para Feuerstein (2003), segundo Fonseca (2005), encerra uma dialética entre dois tipos de causa da diferença de desenvolvimento cognitivo, que podem explicar em parte seu baixo ou alto desempenho:

As causas proximais, que se prendem à presença ou carência de experiência de Aprendizagem Mediadora;

As causas distais, que se prendem aos aspectos hereditários ou genéricos

Nas aprendizagens externas a escola ou no convívio com a sociedade produtiva, regido pela educação informal, segundo Gohn (2006), na educação informal os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum dos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente. A educação não-formal poderá desenvolver como resultados uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos no coletivo; A construção e reconstrução de concepção de mundo e sobre o mundo; contribuição para o sentimento de identidade para uma dada comunidade; forma o indivíduo para vida e suas adversidades (e não apenas capacita-o para entrar no mercado de trabalho); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

#### Método Didático

O pedagógico se caracteriza por ser uma atividade planejada, com objetivos claramente estabelecidos e com ações organizadas de forma sistemática e metódica para que a aprendizagem se efetive. Para isso, o ensino precisa ser organizado de modo que a mediação Sujeito-Objeto do conhecimento possa alcançar o êxito esperado (WACHOWICZ, 1995).

Portanto, enquanto os conteúdos escolares dizem respeito a “o quê aprender”, o método se reporta ao “como aprender”, sendo que a mesma lógica se aplica ao ensinar. Em síntese, o método didático diz respeito a forma de fazer o ensino acontecer para que a aprendizagem se efetive do modo esperado. Assim, é possível afirmar que todo ensino pressupõe para sua realização

#### Sociedade cooperativa e educação

A Cooperação e a Educação são duas práticas sociais que se integram, que congruem e se interconectam, sendo o sucesso de um resultado interdependente da outra.

Frants (2001) em suas reflexões definiu a cooperação como um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns.

Por conseguinte a Cooperação para o ser social entender e viver a cooperação, necessariamente, necessita incondicionalmente da vivência e da prática educativa, e desta a aprendizagem, por conseguinte, bons ou maus resultados, diretamente relacionados.

De acordo com Bialoskorki Neto (2002), os empreendimentos cooperativistas são organizações

que apresentam uma importante função pública de desenvolvimento econômico, aliada à geração e distribuição de renda e à criação de empregos. As cooperativas podem distribuir os resultados econômicos proporcionais às operações com seus cooperados, contribuindo para a efetiva distribuição de renda entre seus associados.

Entende-se que na verdade, a educação e a cooperação são duas práticas sociais que se processam de tal forma que, sob certos aspectos, uma contém a outra. A educação é um processo social fundamental na vida dos homens. Na cooperação como processo social, produz-se educação, sendo, assim, a organização cooperativa, além de seus outros significados, também um lugar social de educação. Entrelaçam-se e potencializam-se a educação e a cooperação como processos sociais. No processo da educação, podem-se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, podem-se identificar práticas educativas. A organização da cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e se potencializam como práticas sociais específicas (FRANTS, 2001).

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, o trabalho buscou intervir na formação dos alunos, com a educação formal, dentro da Universidade Estadual de Alagoas, a partir dos conteúdos programados nas disciplinas de Extensão Rural, Sociologia Rural, Economia Rural, Tecnologias de intervenção na Nutrição e Alimentação animal e Humana, Ciências do Ambiente e aplicadas.

Numa segunda fase a participação na Cooperativa, como educação não-formal, onde o aluno passa a ser pesquisador de participante do cotidiano não-formal, aprendendo a ser um cidadão do mundo, colocando-se a disposição participar de um processo coletivo de construção da realidade local, da intervenção nas adversidades e daí retirando lições de cidadania, e outros objetivos coletivos e pessoais, como ser administrador, gestor, educando e educador.

Os dados aqui reunidos nos resultados foram coletados a partir de entrevistas e também pesquisa participante, intervenção de atividades de extensão rural, junto aos sócios produtores de uma cooperativa, Coopasil, na cidade de Santana do Ipanema. De um universo de 60 sócios foram entrevistados 20, em suas propriedades, perfazendo um total de 33,33%. A pesquisa também prescreve a intervenção posterior, levando o conhecimento formal da universidade para somar às necessidades dos associados, não sendo meramente com intuito de formar educandos para o mercado de trabalho, mas para formar profissionais atentos a realidade e ter a capacidade de ser ator social, nas suas transformações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de entrevistas com os associados chegou-se a alguns resultados que serão aqui apresentados e discutidos, trazendo a conjuntura real da atuação cooperativa e desta prática para a aprendizagem, através do estudo mais minucioso dos elementos formativos da realidade local, na formação da economia coletiva e solidária de princípios cooperativistas.

A partir da pergunta: qual a principal dificuldade da cooperativa de pequenos produtores de animais domésticos da cidade de Santana do Ipanema? As respostas correspondentes à pergunta resultaram nas seguintes respostas de múltiplas escolhas: Falta de cooperativismo 85%, falta de água 75%, falta de apoio do governo 75%, falta de mão de obra 20% e outros 5%. A frequência absoluta (número absoluto de entrevistados que respondeu a respectiva alternativa) e Frequência relativa das respostas (porcentagem correspondente), podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1. Respostas a pergunta: qual a principal dificuldade da Cooperativa?  
Pesquisa realizada com todos os sócios, n = 60

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa em %
Falta Cooperativismo	17	85
Falta de água	15	75
Falta de apoio do Governo	15	75
Falta de mão de obra	4	20
Outros	1	5

Fonte – Produtores de pequenos animais da Cooperativa – COOPASIL. Observação – O universo da tabela ultrapassa 100% por se referir a múltiplas respostas.

A ideia de que a condição semiárida está diretamente relacionada com a baixa produtividade de animais de pequeno porte é totalmente falsa, e exemplos não faltam em Santana do Ipanema -AL para mostrar o contrário, diante aos resultados obtidos através do trabalho de pesquisa foi possível ver produtores que conseguiram lidar com a seca da região. Sabe-se que as tecnologias de convivência com a seca tem sido difundida e para muitos aplicadas.

Um das formas de lutar contra a seca e a diversos problemas encontrados no dia-a-dia do produtor foi à busca de se criar uma Cooperativa, onde juntos trabalhariam com melhores formas de planejar, administrar seus empreendimentos e buscar por mão-de-obra qualificada. Sendo que não é esta a realidade encontrada entre os empreendimentos pesquisados, muitos se queixam da falta de apoio do governo, incentivos, união e comprometimentos dos produtores associados a COOPASIL.

### Apoio de assistência técnica

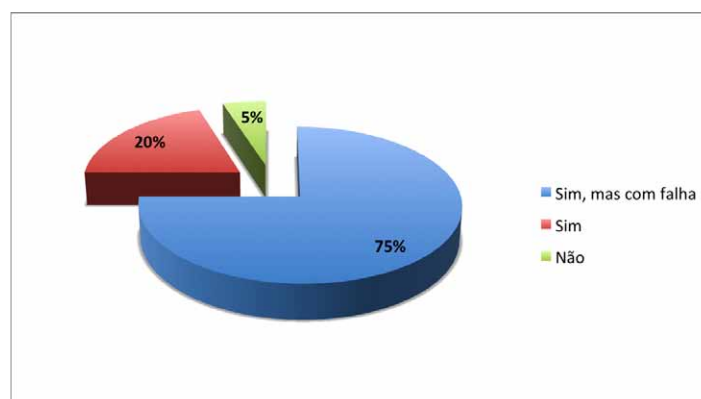
Uma outra pergunta foi realizada junto aos associados entrevistados, referente a existência de assistência técnica. A assistência técnica contratada pela cooperativa ou mesmo fornecida pelas agencias de apoio ao produtor rural do governo do Estado de Alagoas, Brasil.

A resposta Não esteve presente para grande maioria dos associados, 75%, número muito expressivo, demonstrando que realmente há esta lacuna no

Para Cruzio (1999), as organizações de apoio às cooperativas são ineficientes e trata-se de estruturas amplas e dispendiosas quanto à verticalização, centralizadas quanto ao processo decisório nas cooperativas e lentas quanto ao atendimento das necessidades imediatas dos associados.

A resposta Sim foi observada para 20% dos sócios, demonstrando que há um número pequeno de sócios que recebem este serviço, não especificado se pela própria cooperativa ou por órgãos do governo, universidade, outros. Mostra também que a busca da assistência técnica pode estar ligada a poucos mais esclarecidos, ou de melhor relacionamento dentro da cooperativa ou dos órgãos de assistência técnica no derredor. Por fim, a resposta Sim, mas com falhas foi registrada para 5% dos entrevistados, resultados preocupantes para gestão da cooperativa, pois cerca de 80% dos sócios não estão contentes com a assistência técnica. Estes dados estão representados na Figura 1. Por outro lado deixa-se claramente uma necessidade de intervenção direta da Universidade como órgão de extensão do conhecimento adquirido, governamental, que poderá mudar esta realidade, dependendo de programas de apoio dos professores e alunos à sociedade, dentro de um aspecto de educação não-formal, mas concreto e necessário. Contudo com recursos escassos para este fim as universidades limitam-se, no Brasil, a pacas pesquisas e ao ensino repetitivo de velhas teorias, sem criatividade, nem transformação da realidade.

Figura 1 Resposta a pergunta: Existe apoio a Assistência Técnica? Em porcentagem dos entrevistados.



Fonte: Produtores de pequenos animais da Cooperativa – COOPASIL.

A realidade hoje dos produtores de animais de pequeno porte estudados e que estes enfrentam diversas limitações em relação ao manejo e técnicas adequadas para a realização de seus gerenciamentos, neste momento torna-se importante à presença essencial de um técnico para fazer visitas periódicas à propriedade, trocando conhecimentos, a fim de orientar o produtor a realizar um melhor trabalho.

Para Peixoto (2008), assistência técnica e a extensão rural têm importância fundamental no processo de comunicação de novas tecnologias, geradas pela pesquisa, com diversos conhecimentos, essenciais ao desenvolvimento rural no sentido amplo e, especificamente, ao desenvolvimento das atividades agropecuária, florestal e pesqueira.

Em geral, esses produtores encontram diversas dificuldades para manter sua propriedade viável, as limitações enfrentadas pelos pequenos produtores rurais podem ser observadas nas diversas etapas do processo de produção, pela grande carência da presença de responsáveis técnicos.

O modelo mais apropriado à produção familiar está sendo tachado de antihigiénico e de baixa qualidade. No momento, a luta pela qualificação dessa cadeia está sendo ganha pelos grandes, mas isto não é um resultado inevitável e depende da forma com que as mobilizações e negociações são encaminhadas. A reapropriação agroindustrial é facilitada pela miniaturização das tecnologias como no caso de mini pasteurizadores de leite, e pela questão de qualidade, que permite uma segmentação do mercado (WILKINSON, 1999). Nas considerações de Scopinho e Martins (2003) há que se levar em conta que o trabalhador rural brasileiro não foi preparado, formal ou informalmente, para a cooperação autogestionária, pois a organização e gestão do trabalho no campo, historicamente, sempre estiveram atreladas à lógica da grande empresa agropecuária ou da pequena produção familiar de subsistência.

A Universidade poderia colaborar com os cooperados

Dentre as respostas dos associados, a pergunta: em que a universidade poderia colaborar com a cooperativa? As respostas mais significativas foram as seguintes: Deveria organizar estagiários junto com a cooperativa para dar assistência, ajudar em inseminação e cálculo de ração; com apoio do governo para orientar os produtores; Continuar com o convenio entre produtores e a universidade; Fazer visitas periódicas a propriedade, trocando conhecimentos técnicos, a fim de orientar o produtor; Mandar estagiários para auxiliar no manejo; Colaborar com estagiários; melhoramento de produção; orientar os produtores em manejo de ração no período de desmame entre outras coisas; orientar os produtores para auxiliar no manejo correto.

A Universidade além de trocar experiências profissionais com os produtores, trás para os mesmos a perspectiva de melhorar sua expectativa de vida e de trabalho, com o desenvolvimento de projetos inseridos na realidade com alternativas para convivência com a seca e buscar tecnologias adaptadas para região, conhecimento de técnicas em atividades no campo, colaborando assim com a economia da cidade e com a construção de seres humanas conhecedores de sua realidade e da sociedade que o rodeia, sendo coparticipante das interlocuções e mudanças coletivas.

“(...) impulsionar a geração, direta e indireta, de novos postos de trabalho e de renda aos agricultores familiares, promovendo a sua (re)inclusão social e econômica” (PREZOTTO, 2002).

## CONCLUSÃO

O apoio às cooperativas produtivas pelas universidades poderão ser instrumentos de aprendizagem positivos, podendo ser utilizados aliando-se a educação formal a não-formal, trazendo benefícios ao setor produtivo, a academia e aos discentes.

Existe uma grande lacuna na Cooperativa estudada a ser preenchida, no que se refere a extensão, lacuna esta que poderá ser preenchida pela Universidade, trazendo benefícios a todos os envolvidos.

A Universidade estadual de Alagoas galga um importante passo na direção de uma educação mais ativa e concreta dentro da realidade regional, vislumbra a melhoria da resposta produtiva e educacional, tendo como elementos fundamentais os discentes e docentes envolvidos em ações locais.

## BIBLIOGRAFIA

Bialoskorski Neto, S. (2001). *Capital Social e Cooperativa na Agricultura do Estado de São Paulo: Um ensaio analítico*. Revista Vanguarda Econômica, Belo Horizonte, n. 9.

Brasil. (2010). Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação*.

Cruzio, Helnon de Oliveira. (1999). *Por que as cooperativas agropecuárias e agroindustriais brasileiras estão falindo?*. Revista de Administração de Empresas, RAE, v. 39, n. 2.

Cunha, (2008) Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Max. 2008.

Durkheim, Emile. (1955). *Educação e sociologia*, trad. Lourenço Filho, Edições: A sociedade Humana. Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed.

Feurstein, Reuven; Bolívar, C.R. (1983). *La teoría de la modificabilidad cognoscitiva estructural: una explicación alternativa sobre el desarrollo cognitivo diferencial*. Ciudad de Guayana, Venezuela: Mimeo.

Fonseca, Vitor da. (1998) *Aprender a aprender: a educação cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.

Frantz, Walter. (2001) *Educação e cooperação: práticas que se relacionam*. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez, p. 242-264.

Freire, Paulo. (1997) *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e bem.

Gohn, Maria da Glória. (2006) *Educação não-formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38. V.1 – N. 1.

Hamze, Amelia. (1991). *Trabalho Docente*. Educador Brasil Escola.FEB/CETEC e FISO.

Lucena, Carlos. O. (2010). *Pensamento educacional de Émilie Durkheim*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 295-305.

Mill, John Stuart. (2001). *On liberty*. 1859. Batoches Books. Kirtchener. Ontario, Canadá.

Peixoto, Marcus, Consultoria Legislativa do Senado Federal, COORDENAÇÃO DE ESTUDOS. (2008). *Extensão Rural no Brasil -uma abordagem, histórica da legislação*, TEXTOS PARA DISCUSSÃO 48, Brasília.

Pereira, Luiz; Foracchi, Marialice M. (1976). *Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação*. 7ª ed., Companhia Editorial Nacional, S.P.

Pestalozzi, Johann Heinrich. (1821) *Enquiries into the Course of Nature in the Development of the Human Race*.

Prezotto, L. L. (S/A). *Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. n.31, p.133-154. Mensal.

Saviani, Dermeval. (1991). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 1ª ed. Cortez, São Paulo. 1991.

Saviani, Dermeval. (2007). *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.

Scopinho, R.A.; Martins, A. F. G. (2003). *Desenvolvimento organizacional e interpessoal em cooperativas de produção agropecuária: reflexão sobre o método*. Psicologia & Sociedade; 15 (2): 124-143.

Vygotsky, Lev Semyonovitch. A. (1984). *Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Weber, Max. (1968). *Economy and Society: an Outline of Interpretive Sociology*. New York, Bedminster Press.

Wilkinson, John. (Jan./Jun - 1999). *Cadeias produtivas para agricultura familiar*. Revista de Administração da UFPA.